



Dez anos do Posjor UFSC: relato do percurso e perfil da produção

Eduardo Barreto Vianna Meditsch¹
Melina de la Barrera Ayres²
Juliana Gobbi Betti³

Resumo: A criação do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto de 2007, representou uma ruptura no paradigma então dominante na pós-graduação em Comunicação no Brasil, ao propor um Mestrado focado inteiramente na sub-área de Jornalismo. Dez anos depois, o Programa tem uma centena de dissertações de mestrado defendidas e já programa as primeiras defesas de teses de doutorado. Este texto traz um relato deste percurso e delinea um perfil da produção científica do Posjor-UFSC a partir de uma análise quantitativa, complementada por técnicas de pesquisa documental e bibliográfica, analisando as dissertações defendidas desde o início do curso até 2016. Este perfil permite identificar as pesquisas realizadas por linha, seus tipos, mídias estudadas, autores e obras mais referenciadas na primeira década do Programa.

Palavras-chave: Pesquisa em Jornalismo; Pós-graduação em Comunicação; Posjor UFSC; Histórico; Produção Científica.

1. O caminho percorrido

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC e Pesquisador 1D do CNPq. Realizou estágio sênior de pós-doutorado na University of Texas at Austin (2010/2011) com bolsa da Capes. Possui doutorado em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade Nova de Lisboa, mestrado em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade de São Paulo e graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2015), Mestre em Jornalismo (UFSC, 2009), Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo (Universidad Católica del Uruguay, 2006). Atualmente realiza Pós-Doutorado em Jornalismo na UFSC.

³ Doutoranda e Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-graduada em Filosofia e Direitos Humanos pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo.

A Universidade Federal de Santa Catarina foi criada em 1960 com a incorporação de oito faculdades já pré-existentes. Cinquenta e sete anos depois, a UFSC está colocada entre as dez maiores universidades brasileiras: mantém 39 cursos de graduação e 88 especializações, além de 47 mestrados acadêmicos, 5 mestrados profissionais e 27 doutorados em 49 Programas de Pós-Graduação reconhecidos pela Capes. Atende a um universo de mais de 45 mil alunos em todos os níveis. Dos seus 2316 docentes, mais de 90% são doutores, e seus grupos de pesquisas cadastrados no diretório do CNPq respondem por mais de 80% da produção científica realizada no estado de Santa Catarina. Em 2016, ficou colocada no *Latin America University Rankings* como a 12ª instituição da América Latina.

A área de Jornalismo teve início na UFSC em 1979, com a implantação do curso de graduação com esta habilitação, no âmbito do Centro de Comunicação e Expressão - que atualmente reúne também as áreas de Letras, Linguística, Design, Artes Cênicas e Cinema - e se consolidou com a criação do Departamento de Comunicação em 1983, transformado em Departamento de Jornalismo em 2001.

O fato do Curso de Comunicação Social restringir-se a uma única habilitação - a de Jornalismo - nunca foi visto como deficiência, mas como oportunidade de concentrar os recursos materiais e humanos no aprofundamento de um projeto pedagógico e científico multidisciplinar orientado ao objeto de estudo e à formação profissional específica.

Ainda na década de 1980, o Departamento de Comunicação da UFSC foi um dos pioneiros na criação e difusão da disciplina de Teoria do Jornalismo, a partir do trabalho do seu professor Adelmo Genro Filho nesta área. No final dos anos 80, o Curso de graduação em Comunicação Social / Jornalismo aperfeiçoou seu projeto pedagógico colocando maior ênfase na ligação entre teoria e prática em todos os momentos do currículo - do primeiro ao oitavo semestre - a partir da concepção do jornalismo como forma social de produção de conhecimento proposta por Genro Filho. E na década de 1990, com o fim do Currículo Mínimo obrigatório, passou a ser um curso exclusivamente de Jornalismo, o primeiro do país a assumir esta especificidade, em busca de uma maior interação teoria-prática.

A crítica desenvolvida no curso de Jornalismo da UFSC ao modelo teórico do Ciespal - hegemônico, na época, tanto na produção científica latino-americana na área das Ciências da Comunicação quanto no Currículo Mínimo obrigatório em vigor no Brasil - conduziu a um enfrentamento da dicotomia entre crítica teórica e competência técnica, chamando a atenção, por um lado, para o fato da capacidade crítica ser o elemento mais valorizado na competência profissional do jornalista e, por outro, da possibilidade de exercitá-la na prática ser diretamente proporcional ao domínio das técnicas profissionais. No âmbito destas técnicas procurou-se superar também as barreiras entre os diversos meios de comunicação, através do entendimento de que o jornalismo é uma atividade intelectual que se expressa de forma multimídia.

Ao final da década de 1990, o Curso de Graduação em Jornalismo da UFSC era considerado um dos melhores do país em todos os rankings e avaliações. No Exame Nacional de Cursos (o Provão) realizado em 1999, os formandos da UFSC obtiveram o melhor resultado do país. No ano 2000, o Curso de Jornalismo passou por uma completa reforma de suas instalações, com a ampliação da sede e o planejamento da ocupação do espaço físico, já considerando previsão de salas exclusivas para a pós-graduação.

A concepção do Programa de Pós-graduação teve início no ano 2000, com o cadastramento no Diretório do CNPq do Grupo de Pesquisa em Estudos de Jornalismo da UFSC, coordenado pelos professores Nilson Lage e Eduardo Meditsch. No mesmo ano, o processo de criação avançou com a instalação de um Curso de Especialização em Estudos de Jornalismo. O Curso *lato sensu* teve quatro edições e funcionou como um laboratório para a implantação posterior do programa *stricto sensu*, permitindo a experimentação de estratégias de ensino e pesquisa a nível de pós-graduação, além de uma fonte adicional de recursos para a sua instalação, possibilitando um melhor equipamento da biblioteca e da hemeroteca e o apoio às atividades de pesquisa dos docentes. Em 2001, o grupo chegou a esboçar um projeto de Mestrado Profissional que inauguraria o programa, mas esta proposta acabou sendo colocada de lado devido à resistência que a ideia de um mestrado profissional – sem financiamento da Capes – enfrentou à época no âmbito do Centro de Comunicação e Expressão.

Em 2004, como um novo passo no processo, foi lançada a revista semestral *Estudos em Jornalismo e Mídia*, que desde o primeiro número recebeu forte adesão da

comunidade nacional de pesquisadores de Jornalismo, não só como leitores, mas também como autores dos textos. No mesmo ano, a pós-graduação iniciou um programa de publicação de livros, em co-edição, lançando no Brasil o primeiro volume de Teorias do Jornalismo, de Nelson Traquina. A área de jornalismo da UFSC já mantinha programa de intercâmbio acadêmico com a Universidade Nova de Lisboa (desde 2000), o Centro de Investigação Media e Jornalismo de Portugal (desde 2004) e a Universidade Fernando Pessoa, no Porto (desde 2005).

Em 2005, é esboçado primeiro projeto de Mestrado Acadêmico, contudo consultores externos apontam fragilidades no plano, e a submissão à Capes é adiada para o ano seguinte. Até aquele momento, a Área de Comunicação resistia em aceitar um mestrado especializado numa sub-área do campo, ainda mais sendo a de Jornalismo, considerada “separatista” pela visão então dominante. Todos os programas existentes no país eram de “Comunicação” ou “Ciências da Comunicação” desde a reforma do Programa da USP, que extinguiu e incorporou o programa de Jornalismo que lá estava em desenvolvimento no final dos anos 90. A Comunicação buscava sua legitimação como disciplina acadêmica, e a reivindicação do Jornalismo pelo reconhecimento de uma teoria própria era vista como uma ameaça àquela expectativa hegemônica na pós-graduação da área. Tendo em vista a resistência que seria enfrentada na Comissão da Área na Capes, o envio do projeto do Mestrado da UFSC foi adiado para que todas as fragilidades apontadas pelos consultores externos fossem corrigidas.

Em 2006, finalmente, o Projeto do Mestrado em Jornalismo da UFSC é encaminhado à Capes. A área de Concentração do Curso são os Estudos em Jornalismo, e o corpo docente inaugural tem oito professores divididos em duas Linhas de Pesquisa: Na Linha 1, Fundamentos do Jornalismo, os professores Francisco Karam, Gislene Silva, Orlando Tambosi e Nilson Lage. Na Linha 2, Processos e Produtos Jornalísticos, Eduardo Meditsch, Heloísa Herscovitz, Elias Machado e Tattiana Teixeira.⁴ O Grupo de

⁴ Na inauguração, o Mestrado já tem sua primeira alteração no corpo docente, com a entrada da professora Daisi Vogel, substituindo Heloísa Herscovitz, que se desligara da UFSC. Em seguida perde o professor Nilson Lage, aposentado compulsoriamente aos 70 anos, que desiste de continuar como voluntário por enfrentar problemas de saúde. Mas outros três professores são credenciados para reforçar a equipe: Raquel Longhi, Mauro Silveira e Jorge Ijuim. Mais tarde, o corpo docente seguiu sendo ampliado com o credenciamento de Rogério Christofolletti, Cárlica Emerim, Antônio Brasil, Rita Paulino, Valci Zuculoto, Carlos Locatteli, Daiane Bertasso, Samuel Pantoja Lima, Flavia Guidotti, e mais recentemente, Jacques Mick e Teresinha Silva. Por outro lado, em 2017, Orlando Tambosi, Elias Machado, Tattiana Teixeira, Mauro Silveira e Daisi Vogel não participam mais do corpo docente do Programa. Na

Pesquisa em Estudos de Jornalismo que funcionava desde 2000 é desdobrado em dois, que adotam os nomes das linhas de pesquisa, e outros grupos vão sendo criados, a partir da subdivisão deles, a partir de iniciativa e de professores com seus orientandos.

A esperada resistência que o projeto encontraria na Capes é confirmada. Embora aprovado no Comitê da Área com conceito 3 (o mínimo para funcionar), o projeto é avaliado lá com um parecer tão ambíguo que o Conselho Técnico Científico o rejeita e reprova o Curso, atribuindo conceito 2. Apenas um recurso encaminhado pela UFSC, que provoca um novo parecer, faz com que a criação do curso seja aprovada no início de 2007, viabilizando sua inauguração no segundo semestre daquele ano.

Na primeira avaliação por que passou o curso na Capes depois de implantado, em 2010, o conceito do Mestrado é aumentado de 3 para 4. O curso também é reconhecido com a contemplação de várias de suas dissertações com o Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo, conferido pela SBPJor: em seis das onze edições (de 2006 a 2016), o Posjor recebeu o prêmio de melhor dissertação do país, além de outras menções honrosas. Na avaliação seguinte da Capes, em 2014, recebeu novamente conceito 4, com vários dos quesitos sendo avaliados já como 5, mas o Programa não tinha ainda o doutorado, o que dificultaria a evolução do conceito.

O Projeto do Doutorado foi encaminhado à Capes em 2013, paralelamente àque-la última avaliação. O bom desempenho do Mestrado ajudaria a vencer possíveis resistências ao Jornalismo, que no entanto continuavam existindo no campo da Comunicação. O Mestrado já não era o único do país voltado para uma sub-área, tendo já aberto caminho para outros de Jornalismo, assim como de outras especialidades, como os inaugurados na UEPG, na USP, na UFSCAR e na UEL. O paradigma do modelo único parecia superado, mas o ineditismo do projeto ainda poderia provocar resistência: a UFSC propunha um Doutorado em Jornalismo que seria o único dessa especialidade em toda a América Latina.

Para a criação do doutorado, o Programa fez uma reavaliação de todo o seu projeto e uma atualização das linhas de pesquisa, a partir do perfil do corpo docente então

Coordenação, se revezaram os professores Eduardo Meditsch (2005-2010), Gislene Silva (2010-2012), Rogério Christofolletti (2012-2014), Francisco Karam (2014-2016) e Raquel Longhi (2016-2018).

instalado. As linhas passaram a ser “Jornalismo, Cultura e Sociedade” e “Tecnologias, Linguagem e Inovação no Jornalismo”, com a criação de novas disciplinas do currículo, tornando obrigatórias “Teoria do Jornalismo” e “Metodologia de Pesquisa em Jornalismo” e optativas por linhas de pesquisa. O doutorado foi aprovado também com conceito 4 e recebeu sua primeira turma em 2014.

Em agosto de 2017, o Programa completou dez anos de funcionamento, com o ingresso da quarta turma de doutorado e a 11a. de Mestrado, totalizando oitenta alunos matriculados. Já possui mais de uma centena os egressos, com dissertações defendidas no Mestrado, a grande maioria deles tendo dado continuidade à vida acadêmica na própria UFSC e em outras instituições. A primeira defesa de Tese no Doutorado no Posjor estava prevista para o segundo semestre deste mesmo ano. No seu décimo aniversário, o Programa contava com quinze professores e sete grupos de pesquisa em funcionamento.

Perfil da produção científica do POSJOR-UFSC: as dissertações defendidas

Ao longo de seus dez anos foram defendidas no Programa uma centena de dissertações. Buscando conhecer as suas características, realizou-se um estudo quantitativo (CRESWELL, 2010; RAMOS, 2013), complementado por meio de técnicas das pesquisas bibliográfica e documental (STUMPF, 2006; MINAYO, 2001; CELLARD, 2012). Tal combinação possibilitou a identificação de elementos-chave, preservando a relação contextual da produção. Nesta pesquisa, foram consideradas as 91 dissertações que já tinham suas versões definitivas depositadas na Biblioteca da UFSC em dezembro de 2016. Conforme mencionado anteriormente, as linhas de pesquisa foram atualizadas com a criação do Doutorado. Por esta razão, optou-se por considerar na análise a existência de duas “fases”: 2007–2013 e 2014–2016. Por se tratar de uma mudança ainda recente, nota-se, na Tabela 1, uma diferença significativa na produção da primeira fase (que contempla 6 anos) em relação à segunda (que contempla apenas 2 anos).

Tabela 1 –Dissertações defendidas por linha

Linha de pesquisa	Pesquisas
-------------------	-----------

		realizadas
Linha 1	Fundamentos do Jornalismo (2007 – 2013)	31
	Jornalismo, Cultura e Sociedade (2014 – 2016)	3
Linha 2	Processos e Produtos Jornalísticos (2007 – 2013)	46
	Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo (2014 – 2016)	11
Total Geral		91

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar da atualização de seus nomes e ementas, tanto a Linha 1 quanto a 2 continuaram a contemplar pesquisas bastante similares, tanto em relação a temas quanto a abordagens, o que se explica pela participação majoritária dos mesmos docentes, nas novas linhas, que já participavam das anteriores. Quase dois terços das defesas, 62,6% ocorreram nas Linhas 2, voltadas para o estudo dos processos e produtos, tecnologias e linguagens; e 37,3%, ocorreram nas Linhas 1, voltadas para fundamentos do jornalismo, cultura e sociedade. Esta tendência não tem relação com a distribuição de professores orientadores nas linhas, visto que em 2007, quando iniciou a primeira turma, o número de orientadores das duas Linhas era o mesmo, quatro professores para cada uma. Ao longo dos anos, de acordo com o histórico já mencionado, alguns professores deixaram de atuar no Programa e novos professores foram credenciados, passando a integrar o corpo docente.

Observando os tipos de pesquisas desenvolvidas (Tabela 2), verificou-se que a maioria enquadra-se na categoria empírica, correspondendo a 90,1%. Esta grande quantidade aponta, de certa forma, o interesse em estabelecer o diálogo com a prática profissional. Em especial, na busca por compreender as especificidades das rotinas, processos e produtos jornalísticos, bem como de constatar as relações que se estabelecem entre os saberes teóricos e a práxis, notadamente partindo da materialidade das manifestações empíricas (SILVA, 2009).

Tabela 2 - Tipo de pesquisa por linha

Linhas de Pesquisa	Tipo de Pesquisa			Total Geral
	Aplicada	Empírica	Teórica	
L1. Fundamentos do Jornalismo (2007 – 2013)		24	7	31
L1. Jornalismo, Cultura e Sociedade (2014 – 2016)		3		3
L2. Processos e Produtos Jornalísticos (2007 – 2013)		45	1	46

L2. Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo (2014 – 2016)	1	10		11
Total Geral	1	82	8	91

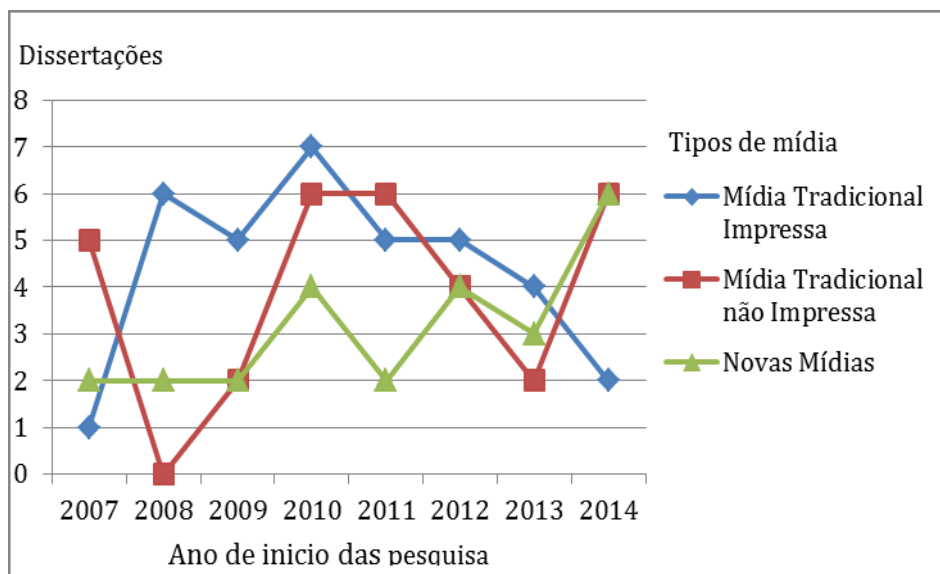
Fonte: Dados da pesquisa

As pesquisas teóricas, de modo geral, apresentam um diálogo entre o jornalismo e outras áreas de conhecimento como, por exemplo, a história e a sociologia; e debatem questões centrais para o campo, como é o caso da construção de verdade e a objetividade.

Não surpreende que apenas uma pesquisa aplicada tenha sido realizada neste período. A baixa incidência desta categoria segue uma tendência geral da área do Jornalismo, como já identificaram estudos anteriores (MEDITSCH; SEGALA, 2005; FRANCISCATO, 2007; MACHADO; SANT’ANA, 2014). Neste sentido, coloca-se como desafio ampliar a quantidade de pesquisas que possam não somente atender às demandas científicas, mas que igualmente demonstrem potencial para contribuir com o desenvolvimento da prática profissional.

No que se refere às mídias estudadas, as dissertações foram classificadas em: mídias tradicionais não impressas (TV, rádio, fotografia), tradicional impresso (impreso jornal, impreso revista, impreso outros) e novas mídias (internet, webradio, webtv, novas mídias, multimídia).

Gráfico 1 – Tipos de mídias



Fonte: Dados da pesquisa

No Gráfico 1 verifica-se que nos primeiros três anos do programa a mídia impressa era a mais estudada. Chegando ao seu ponto mais alto em 2010, quando sete das treze pesquisas desenvolvidas centraram-se nesta mídia. A partir de 2011 é possível perceber a mudança nesta tendência com a diminuição dos estudos que contemplam a mídia impressa, chegando a apenas duas pesquisas em 2014. Com as novas mídias o movimento foi inverso. Inicialmente a categoria manteve uma presença constante, com duas dissertações a cada ano, apresentando um crescimento, a partir de 2009, chegando a seis dissertações em 2014. Observa-se que as variações registradas no período estão de acordo com a própria quantidade de pesquisas defendidas a cada ano.

Ainda ao relacionar as Linhas de Pesquisa com os tipos de mídia analisados, pode-se observar que somente em um trabalho as novas mídias foram objeto de estudo na Linha 1, sendo esta linha também a responsável pela maior quantidade de trabalhos que investigam questões relacionadas à mídia impressa. Nesta mesma lógica, ainda destaca-se a ausência de trabalhos sobre a mídia impressa na Linha 2, em especial após a readequação das linhas, em 2014, quando passou a evidenciar os termos Inovação e Tecnologia (Tabela 3).

Tabela 3 - Mídias estudadas por Linha de Pesquisa

Linha/ Tipos de Mídia	Mídia Tradicional Impressa	Mídia Tradicional não impressa	Novas Mídias	Total
L1. Fundamentos do Jornalismo (2007 – 2013)	20	10	1	31
L1. Jornalismo, Cultura e Sociedade (2014 – 2016)	2	1	0	3
L2. Processos e Produtos Jornalísticos (2007 – 2013)	13	15	18	46
L2. Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo (2014 – 2016)	0	5	6	11
Total Geral	35	31	25	91

Fonte: Dados da pesquisa

Levando em conta que a pós-graduação *stricto sensu* no campo da Comunicação objetiva a formação de profissionais que atuarão, principalmente, no ensino superior, é possível avaliar que a tendência de crescimento nas pesquisas que tratam da mídia tradicional não impressa e das novas mídias deve se refletir também no perfil dos docentes

dos cursos de graduação. Correspondendo à crescente necessidade de disciplinas e projetos que possam contribuir com a construção de um conhecimento que permita aos futuros jornalistas atuarem em um contexto de constante mutação tecnológica⁵, valorizando a compreensão dos princípios que regem as técnicas e as ferramentas.

As palavras-chaves apresentadas sob os resumos das dissertações integram o conjunto de elementos observados neste estudo. No total foram contabilizadas 303 palavras-chaves distintas. As dez mais recorrentes estão listadas na Tabela 4. A tendência de migração do objeto de pesquisa das mídias tradicionais para as novas mídias, também se faz evidente nas palavras-chaves. A exemplo disto, podemos citar os termos: *Facebook* -que aparece em cinco dissertações - *Redes Sociais* e *webjornalismo* - ambos aparecem em quatro dissertações-, evidenciando a presença das novas mídias e apontando a atualidade dos temas e problemas pesquisados. Do mesmo modo, destaca-se que *Folha de São Paulo* consta como palavra-chave de quatro dissertações, representando a mídia tradicional – conglomerado mais estudado.

Tabela 4 – Palavras chaves mais frequentes nas dissertações

Palavras chaves	Linha 1		Linha 2		Total Geral
	Fundamentos do Jornalismo (2007-2013)	Jornalismo, Cultura e Sociedade (2014-2016)	Processos e Produtos Jornalísticos (2007-2013)	Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo (2014-2016)	
Jornalismo	19	2	7	3	31
Fundamentos do Jornalismo	7	0	0	0	7
Telejornalismo	0	0	3	2	5
Epistemologia	5	0	0	0	5
Facebook	0	0	3	2	5
Folha de São Paulo	1	0	3	0	4
Redes sociais	0	0	3	1	4
Ética	2	0	1	1	4
Webjornalismo	0	0	3	1	4
Rádio	0	0	3	0	3

Fonte: Dados da pesquisa

⁵ Indicação contida nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo de 2013.

A quantidade e a variedade de palavras-chaves registradas chamam a atenção. Esta situação ao mesmo tempo em que marca a abrangência de interesses e de possibilidades de estudo que um programa específico de Jornalismo possibilita, mostra uma dispersão nas pesquisas. O termo Jornalismo aparece nas palavras-chaves de 31 trabalhos, o que corresponde a 34%. A diferenciação das Linhas não se evidencia de forma muito marcante nas palavras-chaves. A única Linha que tem seu nome registrado nas palavras-chaves é a Linha 1 (2007 – 2013) Fundamentos do Jornalismo, que aparece em sete trabalhos, contudo, sua presença ainda é baixa se tomamos como referência que foram defendidos 46 trabalhos nesta Linha.

Outra variável que fez da análise foram as referências das dissertações. Foram referenciados mais de 3800 autores diferentes. A obra mais citada é “O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo” de Adelmo Genro Filho, que aparece em 46 dissertações.

Na Tabela 5 foram listados os vinte autores mais referenciados nas dissertações analisadas. Nelson Traquina aparece em primeiro lugar, tendo sido referenciado 105 vezes. Entre os autores nacionais, vários professores do Programa estão entre os vinte autores mais referenciados: Eduardo Meditsch (em segundo lugar) Nilson Lage (em terceiro lugar) Elias Machado Gonçalves (em quarto lugar), Gislene Silva (em décimo-segundo lugar), Rogério Christofolleti (em décimo-quarto lugar) e Francisco Karam (em décimo-quinto lugar). Fatores como tempo de credenciamento no programa, quantidade de disciplinas ministradas e orientações concluídas são variáveis que podem ter influenciado essas citações.

No geral, verificou-se que as obras mais frequentemente referenciadas são aquelas que discutem o Jornalismo de forma ampla, não se limitando às particularidades de objetos restritos, mas contribuindo para a fundamentação teórico-metodológica das dissertações. Ainda, é válido presumir que a presença dos professores entre os autores mais referenciados salienta a aderência dos temas pesquisados à produção docente e, por conseguinte, às linhas do programa.

Tabela 5 – 20 autores mais referenciados, seus países e disciplinas de origem

Autores	Números de vezes	Número de	País de	Disciplina de
---------	------------------	-----------	---------	---------------

	que aparece nas referências ⁶	obras citadas do autor	origem	origem
TRAQUINA, Nelson	105	8	Portugal	Jornalismo
MEDITSCH, Eduardo	98	33	Brasil	Jornalismo
LAGE, Nilson	97	14	Brasil	Jornalismo
GONÇALVES, Elias Machado	81	36	Brasil	Jornalismo
SOUSA, Jorge Pedro	76	19	Portugal	Jornalismo
MELO, José Marques de	68	34	Brasil	Jornalismo
BOURDIEU, Pierre	66	28	França	Sociologia
PALACIOS, Marcos	62	23	Brasil	Jornalismo
SANTAELLA, Lúcia	58	20	Brasil	Semiótica
FOUCAULT, Michel	57	24	França	Filosofia
SALAVERRÍA, Ramon	57	25	Espanha	Jornalismo
SILVA, Gislene	54	25	Brasil	Jornalismo
GENRO FILHO, Adelmo	52	6	Brasil	Jornalismo
CHRISTOFOLETTI, Rogério	50	29	Brasil	Jornalismo
KARAM, Francisco José	47	20	Brasil	Jornalismo
MOTTA, Luiz Gonzaga	45	25	Brasil	Jornalismo
CANAVILHAS, João	44	21	Portugal	Jornalismo
BARBOSA, Suzana	42	25	Brasil	Jornalismo
PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu	42	17	Brasil	Jornalismo
SCHUDSON, Michael	42	19	Estados Unidos	Jornalismo

Fonte: Dados da pesquisa

Ao verificar o país de origem dos autores mais referenciados, nota-se a forte presença nacional, que soma 65% do total. A segunda maior influência vem dos estudos portugueses, em especial, na própria área do Jornalismo. Cabe aqui recordar que o vínculo da área de Jornalismo da UFSC com universidades e pesquisadores portugueses antecede a criação do Programa de Pós-graduação.

Com relação às áreas de estudos das quais são provenientes, ressalta-se que o Jornalismo aparece como majoritária entre os vinte pesquisadores mais citados, correspondendo a 85% do total. Isto demonstra o diálogo com o conhecimento específico produzido na área, ao mesmo tempo em que apresenta indícios do avanço da pesquisa em Jornalismo no que se refere ao desenvolvimento de uma teoria própria (GROTH, 2006, p.184-185).

⁶ Foram contabilizados unicamente livros e artigos escritos individualmente ou em conjunto com outros autores.

Tabela 6 – 10 títulos mais referenciados e seus autores

Qtd. referências	Título da obra	Autor(res)
46	O segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.	GENRO FILHO, Adelmo
44	Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são.	TRAQUINA, Nelson
34	Ideologia e Técnica na Notícia.	LAGE, Nilson
31	A construção da notícia	ALSINA, Miquel Rodrigo
31	Os elementos do jornalismo; o que os jornalistas devem saber e o público exigir.	KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom
30	Teorias do jornalismo II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.	TRAQUINA, Nelson
25	Cultura da convergência.	JENKINS, Henry
23	Os relatos jornalísticos.	PEUCER, Tobias
22	Teorias da Notícia e do Jornalismo.	SOUSA, Jorge Pedro
21	Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico.	LOPES, Maria Immacolata Vassallo

Fonte: Dados da pesquisa

De forma similar ao quadro de autores, os títulos mais referenciados indicam um foco privilegiado no conhecimento sobre o Jornalismo, mas também a busca de contextualização e de referências metodológicas na área maior da Comunicação.

Considerações Finais

Este texto buscou resumir o percurso percorrido pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC em sua primeira década de funcionamento, e analisar a produção de dissertações realizadas neste período. Em relação ao percurso, o texto constata a gradual consolidação do Programa, com a evolução positiva de sua avaliação pela Capes, o volume de uma centena de dissertações defendidas, seu reconhecimento pelo Prêmio Adelmo Genro Filho, e a implantação do curso de doutorado a ser completada com as primeiras defesas de tese, ainda em 2017. Uma década depois da resistência sofrida quando de sua implantação inicial, o Posjor-UFSC é um programa especializado em Jornalismo perfeitamente inserido na área maior da Comunicação e melhor aceito por ela.

O perfil das 91 dissertações defendidas e depositadas em versão definitiva até dezembro de 2016 demonstra o predomínio maciço de pesquisas empíricas que representam um aporte considerável na construção de conhecimento sobre o jornalismo como objeto. As pesquisas teóricas são minoritárias e as aplicadas praticamente ausentes, com uma única exceção que confirma a regra, nesta primeira década do programa. Em relação aos meios de comunicação estudados, a mídia tradicional impressa, hegemônica nas primeiras dissertações, perde espaço dos últimos anos para as novas mídias digitais, enquanto as mídias tradicionais não-impressas oscilam em volume de estudos neste período.

As palavras-chave destacadas nas dissertações indicam uma grande variedade de temas e abordagens, independente das linhas de pesquisa, mas os autores e títulos mais referenciados nos trabalhos confirmam a Área de Concentração em Jornalismo como o núcleo epistemológico articulador do Programa, com forte protagonismo de seus próprios professores - e dos pesquisadores portugueses com que o Posjor estabeleceu convênios - como suas principais influências nestes 10 anos.

Referências

CELLARD, André. Análise documental. IN: POUPART, Jean et. al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa** – enfoques epistemológicos e metodológicos. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FRANCISCATO, Carlos. Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo. In: **Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste**. Salvador: Intercom, 2007.

GROTH, Otto. Tarefas da pesquisa da ciência da cultura. IN: MAROCCO, Beatriz, BERGER, Christa (org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MACHADO, Elias; SANT'ANA, Jéssica. Limitações metodológicas na pesquisa em Jornalismo: um estudo dos trabalhos apresentados no GT de Jornalismo da COMPÓS (2000-2010). **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, vol.1, n.1

(2014), p.26-42.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir: a função social da universidade e os obstáculos para a sua realização.** Florianópolis: Insular, 2012.

MEDITSCH, Eduardo; SEGALA, Mariana. Trends in three 2003/4 journalism academic meetings. **BJR - Brazilian Journalism Research. Brasília:** SBPJor. v. 1, n. 1, semester 1, 2005, p. 47-60.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

RAMOS, Marília Patta. Métodos quantitativos e pesquisa em ciências sociais: lógica e utilidade do uso da quantificação nas explicações dos fenômenos sociais. **Mediações: Revista de Ciências Sociais.** Londrina, vol. 18, n. 1 (jan./jun. 2013), p. 55-65.

SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando? **Matrizes**, v. 1, 2009, p. 197-212.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. IN: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2006.